

O CENTENÁRIO DO PENTECOSTALISMO CLÁSSICO NO BRASIL

André Luiz de Castro Mariano¹
PPGAS/UFPR

INTRODUÇÃO

O pentecostalismo clássico vive seu período pós-centenário. Surgido no início do século XX na América do Norte, ganhou suas versões brasileiras, em 1910 (Congregação Cristã no Brasil) e 1911 (Assembleia de Deus) deixando marcas na vida social brasileira que perpassam as esferas públicas e privadas. Estas denominações religiosas movimentam o cenário sócio religioso brasileiro, despertando o interesse da comunidade acadêmica que reconhece a carência de pesquisas contemplando esta religiosidade – distinta às neopentecostais, catolicismo popular e religiões de matriz africana – descrita por Ricardo Mariano como *pentecostalismo clássico* ou de *primeira onda* (Mariano, 1999, p. 28-29). Rubem Cesar Fernandes aponta cinco fatores determinantes que colocam os evangélicos no circuito de pesquisa. Primeiro, o crescimento numérico destes na América Latina; segundo, a forma peculiar com que se fazem vistos; terceiro, o impacto no campo religioso como um todo; quarto, a presença pública transcende o ambiente religioso com repercussões na cultura e na política e quinto, a penetração marcante nas classes pobres e localidades perigosas (Fernandes, 1998, p.11). Entretanto, esta imagem de visibilidade, presença pública e penetração em classes pobres, parece ser colocada de lado a partir do momento em que o grupo passa ser visto e se ver como objeto de estudos. Certamente estamos diante de grupos altamente sectários, ascéticos, conseqüentemente com fronteiras cerradas. Por isto, ao longo da pesquisa com sujeitos das igrejas pentecostais Congregação Cristã no Brasil (Curitiba e região metropolitana) e Assembleia de Deus (Belém), percebi que algumas de minhas abordagens não seriam produtivas, ora encontrando dificuldades para acessar sujeitos, fora os pré-estabelecidos pelas lideranças da igreja, ora sendo literalmente rejeitado como pesquisador, isto porque o ambiente pentecostal tem uma dinâmica própria, na qual ser pesquisador não que dizer muito e quando esta condição acadêmica passa algum tipo de imagem, em sua maioria é vista como negativa. Eles querem falar de outras coisas; transcendentais e não seculares. Falar em fazer pesquisa ou pesquisador, geralmente é por fim às interlocuções e isto é uma agravante que coloca toda produção em risco, isto porque a interlocução é uma essência. Ela é uma espécie de *matéria prima* do trabalho antropológico e mesmo o pesquisador exercendo algum tipo de

influência sobre o pesquisado, esta não é definitivamente uma via de mão única, portanto este último também exerce poder sobre o primeiro, inclusive de colocar fim às interlocuções. Quanto a isto, Roberto Cardoso de Oliveira em sua obra *O trabalho do antropólogo* (1998), cuja consistência está em três etapas no processo de produção do conhecimento antropológico (*o olhar, o ouvir e o escrever*) ele diz que “no próprio ato de ouvir os ‘informantes’, o etnólogo exerce um *poder* extraordinário sobre o mesmo, ainda que pretenda posicionar-se como observador o mais neutro possível” (Cardoso de Oliveira, 1998, p.23). Para isto o pesquisador deve buscar um clima que transcenda ao contexto de perguntas e respostas, criando assim no ambiente de interlocução, gerando assim, um verdadeiro *encontro etnográfico*.

Há unidade entre os pesquisadores que trabalham religiosidade pentecostal em apontar dificuldades ao acessar sujeitos, sobretudo as que o grau de ascetismo e sectarismo é mais latente. Luis de Castro Campos Jr. (2009) fala de uma gradiente entre as denominações evangélicas pentecostais contemplando as três ondas. Neste gradiente a igreja Assembleia de Deus (AD) está entre as de *considerável dificuldade* e a Congregação Cristã no Brasil (CCB) está para *extrema dificuldade* (Campos Jr, 2009, P. 31). Outros autores também não só corroboraram tais dificuldades como escreveram poucas linhas a respeito destas igrejas, sobretudo a CCB. É o caso de Ricardo Mariano que para fazer uma sociologia do neopentecostalismo, precisou para isto, abordar o pentecostalismo histórico. Mas como mudar, ou melhor dizendo, como transpor um paradigma em que se posiciona a CCB com suas fronteiras cerradas diante do pesquisador que encontra uma religiosidade de extrema dificuldade para inserção? É possível suscitar empirismo de tal contexto?

DIFICULDADES DE PESQUISA NA CCB E CAMINHOS ALTERNATIVOS

Durante boa parte de minha pesquisa de campo na CCB, percebi que minhas entrevistas tinham uma dificuldade quase inexplicável de sair de um dos líderes desta denominação no bairro Portão em Curitiba chamado João Alves Taborda. Se não fosse a curiosidade deste que é um dos três mais influentes da igreja do referido bairro, conhecido em todas as outras CCB que estive – em todas as vezes que mencionei seu nome tive a resposta *sim! Eu o conheço!* – a pesquisa não teria avanço algum. Para situá-lo dentro da pesquisa, digo que ele é um caso bem específico dentro da denominação, a começar pela sua faixa etária entre 50 e 55 anos, bem abaixo dos outros anciãos que conheci, em torno dos 70, entretanto a idade e sua vitalidade parecem proporcionar um lugar central na

organização social/eclesiástica desta igreja. Percebe-se que é ele quem resolve os problemas administrativos, ou quem delega a outros tais responsabilidades. É também ele que faz as viagens para São Paulo todas as vezes que são (re) passadas diretrizes às igrejas de outras regiões. Estas viagens seriam um tanto desgastantes para outros com menor vitalidade. Percebi também que ele é requisitado todas as vezes que surgem contratemplos durante a desenvoltura dos cultos, o que lhe impede de ficar estacionado em determinado local, estando em contínua circulação. Já a escolha desta igreja CCB entre outras da mesma denominação, aconteceu não só por ter sido a primeira fundada na capital curitibana, mas, sobretudo, por ser a Central da Região Sul do Brasil. Infelizmente, não há material escrito, disponível ao público e o pouco do que tenho de informações é através deste mesmo João Alves Taborda. Segundo ele, o primeiro registro de batismo realizado pela Congregação Cristã em Curitiba data-se de 07 de setembro de 1943, totalizando 11 pessoas e realizado pelo ancião José Lopes². Ao que parece, a CCB do bairro Portão em Curitiba não tem o registrado o número de fiéis, mas pode-se dimensionar a partir de seu templo, com capacidade para 2.700 pessoas e uma área construída (anexando templo, escritórios, estacionamento subterrâneo, e etc.) de 10.600 m² com donativos de seus adeptos. Ela é a maior e como já foi dito, ela é a igreja Central da região Sul do país (segundo informações é nela que se realizam reuniões com lideranças do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, aos quais são repassados os assuntos que estavam em pauta nas reuniões que aconteceram na matriz de São Paulo). Poderia ser um avanço nesta igreja e a partir deste sujeito de pesquisa acessar outros, dentro deste circuito religioso tal como eu pensava. Poderia ser um avanço, mas com o passar do tempo não consegui acessar nenhum outro sujeito de pesquisa a partir dele. Em algumas ocasiões, pessoas espontaneamente diziam que me chamariam para tomar um café. Uma outra, a pessoa havia me feito o pedido do número de telefone, mas nada foi além disto. É possível que se insistisse mais, conseguiria avançar, entretanto optei por percorrer outros caminhos, destacando entre estes, a minha admissão em uma grande empresa na área de metalurgia e a partir do envolvimento fora da esfera religiosa, mas com adeptos desta religiosidade, buscar apreender suas realidades, construindo assim um saber científico. De fato, considero esta escolha como feliz, pois com ela um novo horizonte, promissor e de dimensões elásticas surgiu. Com está, coletei uma série de entrevistas, estabeleci interlocuções, visitei igrejas, aumentei significativamente o número de meus sujeitos de pesquisa, portanto vi dilatar meu campo de possibilidades. Neste novo contexto, a figura do ancião João Alves Taborda manteve

sua efervescência, mas por outra via: conhecê-lo e ter estabelecido contato com ele, no meu caso, trouxe credibilidade frente ao(s) grupo(s).

Talvez tenha parecido que nos distanciamos da proposta de nossa comunicação que é trazer resultados sobre as relações de poder a partir da família nuclear pentecostal e como esta sobrepõe a esfera privada alcançando à pública através de um conceito próprio de família, cujo objetivo é dentre outros, agregar novos adeptos. Por que a família é um alvo promissor? A força deste pentecostalismo vem de especialistas, ou de sua sociabilidade? Como se dão as relações de poder no interior destas igrejas, entre seus membros, masculinos e femininos? Quais as especificidades da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus após 100 anos de existência? Entendo não ter havido um distanciamento, mas sim a necessidade de situar o pentecostalismo como campo de pesquisa.

Vamos à problemática, família como alvo promissor de agregação de novos adeptos, transpassando pelo namoro, casamento, casais amasiados para enfim chegar à conversão do cônjuge. Para tal reflexão quero utilizar entrevistas e interlocuções com membros da CCB.

O NAMORO

No meio pentecostal o tempo entre o namoro e o casamento se comparado com outros padrões – como aqueles em que o modelo familiar é mais relaxado no sentido de maior aceitação da sexualidade, ou modelos em que a formação profissional e/ou acadêmica está em primeiro plano – não ultrapassa os dezoito meses. Baixa é também a faixa etária dos enlaces matrimoniais, em torno dos 20 anos, isto porque o temor de se sucumbir aos *desejos carnis*, conseqüentemente a *prostituição*³, faz com que as uniões sejam em sua maioria precoces. Para isto, arranjos e rearranjos como a construção de pequenos cômodos no terreno dos pais, ou a compra de móveis e eletrodomésticos por parte de parentes e afins, ou ainda em alguns poucos casos, permanecer morando com os pais, são possibilidades, embora a construção no terreno dos pais seja, dentre todas, a mais comum. Geralmente não há tempo hábil pra se estruturar financeiramente antes da união, diante de várias pressões social/familiar. Estas pressões podem ser acentuadas quando as pessoas envolvidas são filhos de lideranças. Para que se cumpram as regras, sanções são aplicados aos infratores que optam por namoros *picantes*, sobretudo aos que se relacionarem sexualmente antes do casamento: exclusão do grupo ou ser *colocado em*

*disciplina*⁴ que consiste na restrição de participar da *Santa Ceia*⁵ e de todas as atividades do culto, inclusive o de testemunhar⁶. Estas sanções são tão duras que poucos conseguem suportar o desenrolar do processo que só terminará após o casamento e em geral mais seis meses *no banco*⁷.

Ainda em relação ao namoro a pesquisa ao longo do tempo me fez perceber que há uma espécie de tabu, sobretudo na CCB. É ensinamento a não união mesmo em namoro a pessoas de outros segmentos religiosos, chamados de *estranha fé*. Estão entre estes, evangélicos de outras denominações sem distinção, ou seja, o par desejável tem que ser necessariamente da própria CCB, ainda que de outros bairros ou cidades.

O CASAMENTO

No que se refere ao casamento como durável, apresenta uma posição diferenciada. É comum ver casamentos na CCB de duas, três, quatro décadas, às vezes mais, quanto ao tempo de namoro destas gerações veteranas, geralmente não ultrapassaram seis meses. Já as gerações mais novas como já foi dito o tempo entre namoro e casamento está em torno de dezoito meses. Cabe ainda dizer que não é um peso para estes e sim algo desejado. Meu próprio interlocutor, Israel (30), namorou Janaina (26) apenas doze meses, estando casados há dez anos. O casal tem um único filho, Ismael (09). Um detalhe que me chamou a atenção em relação aos membros da CCB. Embora na geração dos pais a média de filhos compondo a família nuclear seja de três filhos, a nova geração tem evitado ter mais de um. Exceto Joel (31) que tem dois filhos, os outros não ultrapassaram o primeiro algarismo. Não estou falando de tendência, muito menos que esta meta seja uniforme. Certamente existem famílias com um número maior de filhos. Quanto a durabilidade destas uniões cabe dizer que como um recorte dentro da grande sociedade, evangélicos de igrejas cujos níveis de sectarismo e ascetismos são elevados – a CCB está entre elas – em geral, não vêem a dissolução da família como uma possibilidade. Para isto, mecanismos que vão desde a pressão social/religiosa, orientações referente a minimizações ou solução dos possíveis focos de atritos, estudos para casais, até utopias, ou seja, acreditar na mudança do cônjuge, mesmo que nunca aconteça. E se mesmo assim a dificuldade persistir acredita-se na transcendência do problema.

Quanto ao contexto familiar *ideal*, tenho percebido, ainda que não seja generalizado, há uma priorização da distinção entre coisas de homens e de mulheres: não

há muito incentivo para que as mulheres trabalhem fora, sendo destinada ao homem a atividade de, *ganhar dinheiro* e ser o provedor familiar, enquanto às mulheres a responsabilidade é cuidar das coisas da casa, da pedagogia do(s) filho(s) e do marido, por excelência, *um filho grande e desobediente*. Fazer compras, pagamentos, solucionar de problemas domésticos, estão entre as suas tarefas. Ser equilibrada psicologicamente, muitas vezes regulando as tensões entre o pai que esteve fora, *cuidando das coisas de homens*, retornando ao núcleo familiar e encontrando dificuldades ao se relacionar com os filhos. Ela está melhor calibrada empaticamente com os filhos. Em suma: se dele vem os recursos necessários para administração doméstica, cabe a ela gerenciar a estrutura familiar.

OS AMIGADOS

Tratamos até então de casos em que a união passou pelos trâmites da estrutura, porém há outro caso que deve ser mencionado, sendo ele, os *casais amasiados*, ou *amigados*. Pessoas nestas condições vem indubitavelmente *de fora*, isto porque a CCB mesmo não realizando casamentos no religioso (e esta é uma de suas características frente a outros movimentos evangélicos e religiosos), o casamento no Civil é uma regra. Pessoas de dentro não vão morar juntas e eles possuem mecanismos para regular isto. Dentre estes, a família é a mais eficiente. Estes casais, ou mesmo, um dos cônjuges, podem ir regularmente à igreja como visitantes, na melhor das hipóteses como frequentadores. Não podem participar da *Santa Ceia*, não podem ter oportunidades, não podem *dar testemunhos*, ou acessar ao batismo como *rito de passagem*. Portanto, são formas de segregação com reflexos imediatos nos bens oferecidos pela igreja. Mesmo não sendo imposta a apresentação das certidões do casamento, dificilmente foge ao controle dos especialistas o conhecimento e a situação de cada um de seus membros: geralmente novos membros são respostas de ações proselitistas de antigos membros, que conhecem a trajetória de vida destas pessoas intimamente. Cabe ainda dizer que pode haver e com certeza há, casos de pessoas que são *amigadas* e mesmo assim acessam todos os bens religiosos, inclusive batismo e Santa Ceia, porém tão certo quanto a existência de casos assim é o desconhecimento do fato pela sociedade em questão.

CONVERSÃO DO CÔNJUGE

Partiremos para outra problemática. Como a conversão do cônjuge pode acionar mecanismos de trânsito, sobretudo, quando é o homem quem se converte em uma igreja distinta à esposa? Não é difícil perceber no discurso referente ao passado problemático dos casais frases como: *ai de nós se não fosse o amor de Deus*, ou *nosso casamento não era feliz por causa das armadilhas do diabo*, ou *satanás quase conseguiu destruir nosso casamento, mas Deus teve misericórdia de nós!*. A história do trânsito religioso está profundamente marcada nas igrejas evangélicas pela constante busca da reconstrução familiar. Mulheres que começam sua peregrinação entre casa e igreja a procura da *libertação* do marido ao alcoolismo, infidelidade, violência doméstica, separações eminentes, coisas desta natureza. A eficácia de bons resultados tem garantido a uma grande maioria destas mulheres a *tão sonhada paz*, talvez porque mudanças de atitudes acontecem em ambas às partes e não poucas vezes atribuídas a ações divinas.

O contexto que aciona a grande crise fazendo com que algumas esposas possam buscar recurso na fé, muitas vezes tem sua gênese ainda no namoro. Mas como a convivência é esporádica, ou sobretudo, o romantismo de acreditar na mudança depois do casamento acaba camuflando as informações necessárias ao rompimento. Com o casamento e o passar do tempo à mulher percebe que se uniu a uma espécie de figura híbrida. Não é um monstro, também não é o príncipe encantado que romantizou. É neste momento que através de uma rede de relacionamentos que entra a válvula de escape: a religião, sem distinção, possui uma qualidade centrífuga, ou seja, tem como proposta de dentro para fora, se não solução do problema, pelo menos gerar uma certa alienação, o que na grande maioria é o que muitos estão buscando pra não ver toda uma estrutura familiar ruir. Observemos parte da entrevista com Maycon se referindo aos pais (destaque na figura paterna) e suas vidas marcadas pelo processo de conversão à CCB. Ao mesmo tempo, o episódio pode nos proporcionar elementos que indicam como a religião pode apresentar um quadro de mudança familiar e social, portanto, lançando marcas em esferas públicas e privadas:

Se for pra eu ser crente tem que ser como meus pais. Se falar com eles: hoje tem igreja [culto] eles vão! Se falar é amanhã! Eles estarão lá. Meu pai não era assim. Ele gostava muito era de bola. Chegou até ser técnico de um time amador lá da Fazenda [Fazenda Rio Grande-PR]. Ai depois que ele se batizou, largou tudo: bebidas, cigarros, amigos. [...] Tudo, tudo, tudo! Bebidas, cigarros e até alguns amigos. Ele ia muito em bar. Esses amigos se você tem dinheiro você os tem. Se não. Não! Nisto os ‘irmãos’ já fazem diferente. Até quando eu vou fazer visita com eles nas

casas dos ‘irmãos’ é bem diferente. Eles te dão atenção. [...] No bar enquanto você tem dinheiro eles estão ali. Eu não sei se ele percebeu isto e largou tudo. A dedicação dele agora é total à Igreja. Pode ser aonde for, ele vai. Quando não era crente ele queria pegar a gente pra bater, tinha que buscar ele em bar. Uma vez a minha mãe me acordou de madrugada pra buscá-lo. Outra vez ele chegou a abandonar nossa casa. Foi até metade do caminho e aí, eu não sei o que passou na cabeça dele, mas voltou. Ele estava nos abandonando. Ia nos deixar sozinhos. [...] Depois que ele se batizou, mudou totalmente. Fica mais em casa, na igreja, na casa dos irmãos. [...] Eles brigavam bastante. Chegava a voar panela de arroz pra todo lado. Nunca mais! Mudou! É isto que penso: Se for pra me batizar, eu vou ter que mudar meu jeito também. Porque a pessoa tem que mudar. Não adianta se batizar e continuar do mesmo jeito. A pessoa vai ter que excluir algumas coisas que ela faz e mudar totalmente, fazer diferente.

Mudar de igreja (trânsito), ou de religião (conversão), passa a ser um detalhe diante do que muitos evangélicos chamam de *viver em um verdadeiro inferno*. Como na maioria dos casos é o homem a fonte de todo este contratempo, a mulher o seguir é o mais prudente. Mudanças desta natureza não são novidades aos brasileiros. Em uma obra organizada por Clara Mafra (2006), há um capítulo dedicado ao mapeamento das rotas religiosas no Brasil, escrita pelos autores Fernandes e Pitta, destaca as inúmeras possibilidades que o brasileiro tem para escolher sua religião: “escolher entre uma e outra, ir e vir ou simplesmente abandonar uma determinada identidade religiosa são movimentos frequentes entre os brasileiros. O País que nasce católico e assume esta catolicidade como marca de sua identidade apresenta, há algum tempo rostos marcados pelo pluralismo religioso” (FERNANDES; PITTA, 2006, p.120)

A FORÇA FEMININA, QUEBRANDO PARADIGMAS – CENTENÁRIO DA ASSEMBLEIA DE DEUS

Quero agora trazer resultados a partir apreensões de campo e interlocuções com sujeitos de pesquisa da Assembleia de Deus de Belém e não mais da Congregação Cristã no Brasil de Curitiba e região metropolitana. Através de um recorte na descrição de campo do *Centenário da Assembleia de Deus* em Belém, chamo a atenção para o lugar da mulher dentro dos acontecimentos público-religiosos, e com isto, gerar reflexão sobre as relações de poder entre membros masculinos e femininos a partir de uma *Missionária* chamada Helena Raquel. O fato aconteceu na noite do dia 16 de junho de 2011 e era o primeiro dia oficial das comemorações desta festa que mobilizou o Brasil e outros países do mundo, sobretudo a Suécia, terra natal dos fundadores da AD.

Neste dia, cheguei com uma das caravanas 30 minutos antes do início oficial, mais exatamente às 18:30h. Quase não consegui entrar, encontrando o Estádio *Mangueirão* praticamente lotado. Nas apresentações, centenas de pessoas envolvidas e uma organização digna de grandes eventos, entretanto neste primeiro dia, nada foi mais expressivo do que a pessoa que pregou a mensagem de abertura. A Missionária carioca Helena Raquel. Poucos acreditariam que uma mulher seria a encarregada de tal responsabilidade – eu mesmo seria um. Dentro de um contexto tipicamente masculino foram quebrados protocolos, paradigmas e publicamente um dogma. Alguns falaram em confronto político dentro da esfera eclesiástica assembleiana, maximizado pela presença do pastor José Wellington Bezerra da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). Este, seria para alguns dos que vieram para o centenário em Belém, a pessoa que por direito deveria estar no lugar de *pregador* naquela noite, justamente posição que ocupa na hierarquia assembleiana. A esposa de um pastor considerou o acontecido: “foi um desacato, colocar o pastor Presidente das Convenções assentado vendo uma mulher pregando”, mas eles mesmos consideraram o fato um marco na história da AD. Na mesma conversa o marido dela falou ter ouvido de um pastor renomado dentro desta esfera religiosa que: “se um pastor não tem uma boa mensagem pra passar para o povo, não deve ficar machucando as pessoas com palavras e sim chamar uma destas mulheres ungidas para pregar”.

Ter conhecimento desta modalidade, não foi surpresa para mim, pois o campo de pesquisa já havia sinalizado esta possibilidade, mas ver uma mulher pregando pessoalmente, sobretudo em um evento específico e histórico, foi mais do que o fato em si, acima inclusive à simples disputas políticas. Quem sabe podemos falar, tentativa de um novo legado para à posteridade. Podemos ver isto implícito ainda nas primeiras palavras de Helena Raquel: “Eu quero cumprimentar a geração do centenário com a ‘Paz do Senhor’. Deus seja louvado nesta noite... Louvo ao Senhor pela vida do pastor Samuel Câmara e irmã Rebeca e pela alegria de representar milhões de assembleianas nesta noite. Que Deus seja louvado!”.

Dentre uma série de apreensões pesquisando o pentecostalismo, a posição que a mulher ocupa na estrutura é das mais significativas, o que é relevante em se tratando de um contexto que passa uma imagem tipicamente masculina. O campo, generosamente me mostrou que mulher de pastor tem nome. Não estamos falando de nuances, ou algo novo. Esteve desde sempre explícito na estrutura da religião pentecostal e, se antes não fora apreendida, este fato de não apreensão se deu por outras vias e não por ter surgido do nada

tal ciência. Quem sabe estamos falando de familiaridade com o campo, ou imaturidade teórica. Seja como for, foi a partir do nome da Helena Raquel mencionado inúmeras vezes e de entender que o gênero não estaria sobreposto ao nome que percebi a relevância deste nome e de outros, como o da *irmã* Rebeca, esposa do pastor Samuel Câmara que é titular da Igreja Mãe das Assembleias de Deus. Ela é tão conhecida nominalmente quanto o próprio marido. Elas têm nomes, ganham espaço na oratória, cuidam da organização, são em maior número – basta olhar no interior dos templos – e se fazem vistas. Portanto, se podemos falar em posições nos espaços públicos/religiosos, ou de relações de poder entre os membros masculinos e femininos, podemos sim falar que elas ocupam um lugar diferenciado dentro da religiosidade.

Quero destacar parte de uma entrevista com Vanessa que é da AD da Igreja Mãe da AD em Belém. Ela é esposa daquele que se tornou para mim o maior dos interlocutores no meio assembleiano paraense. Ele é um jovem senhor, com menos de 30 anos, mas com uma história muito particular dentro da Igreja Mãe das Assembleias de Deus. Seu avô foi um dos pioneiros e quem *ganhou para Jesus*⁸ o pastor Firmino Gouveia que presidiu esta mesma igreja por vinte e nove anos. Nenhum outro pastor ficou tanto tempo no cargo. Esta relação familiar na iniciação de uma figura tão expressiva no contexto assembleiano, faz de Gustavo uma pessoa credenciada a estar próxima a elite eclesiástica da Igreja Mãe das Assembleias de Deus. Sua postura ativa transparece e o serviço voluntário não minimiza suas ações. Ele e Vanessa são casados há aproximadamente cinco anos e não tem filhos. Vamos à narrativa de Vanessa que esteve envolvida junto ao marido na preparação, organização e recrutamento de contingente para o evento *Centenário da Assembleia de Deus*. Quero chamar a atenção do leitor em perceber o intenso envolvimento e a liderança feminina.

Na verdade Deus direcionou pessoas. Sem elas nós não teríamos conseguido. As pessoas apoiaram e foram bem leais também, por isto deu tudo certo. Colocamos na mídia. Divulgamos e as pessoas vieram. Alguns são do Templo Central. Então, fizemos um cadastro. Mas tinha a questão das roupas de época que tinha que mandar fazer. A gente recolheu os valores e mandamos fabricar. Os homens estavam usando gravata borboleta e suspensórios que nós fornecemos. Tudo padronizado. Fizemos também uma sala Vip, que na verdade era uma sala de apoio para receber pessoas que vieram de fora. Como vieram parentes de Gunnar⁹, precisávamos de pessoas para recebê-los, pessoas que falavam outro idioma. Nós fizemos um trabalho de equipe mesmo. Foi muito bacana. Foi muito trabalho, muita correria, mas valeu à pena. Foi feito com amor. Foi muita doação, noites sem dormir. Eu e Gustavo ficávamos sem nos ver, mas agora nós podemos dizer que a honra e a glória foi pra

Deus. Eu só estava ali como um instrumento. Eu fico feliz de ser este instrumento. Assim, a gente passa por muitas lutas e quando chega este momento de ver que Deus usa a gente pra fazer algo importante e isto é gratificante. Entender que Deus pode usar um cerimonial para te colocar em um lugar que as pessoas vão reconhecer seu trabalho, isto que é bacana. Assim, ontem já no final eu estava me sentindo muito incomodada. Comentei com as meninas, nossa eu estou precisando orar. Teve uma ora que eu dei uma fugida e quando eu olhei, já estava no poder de Deus¹⁰. Quando eu olhei meu esposo estava também orando com o pessoal do cerimonial. Deus fez uma surpresa no final de tudo. Todo o trabalho finalizou com mais esta surpresa. Deus nos surpreendeu desta forma. Fui agredida verbalmente no Mangueirão, mas no final Deus respondeu com todo aquele ‘fogo’, todo aquele ‘poder’. Foi muito bom ver aquelas pessoas que trabalharam no cerimonial sendo batizadas com o Espírito Santo. Foi tremendo! Deus também curando, porque muitas pessoas estão ali trabalhando, mas estão passando por problemas, por situações difíceis. A gente não sabe, mas Deus sabe e encaminha.

Gustavo complementa:

Eram quatrocentos e trinta e quatro pessoas envolvidas. Nossa expectativa era de cento e cinqüenta. Deus acabou nos surpreendendo, só que assim! Nossa preocupação toda era com a alimentação deste povo todo, nós fizemos muitas reuniões com os coordenadores sobre alimentação, água, o que nós vamos dar pra eles, barras de cereais. É um trabalho voluntario, mas nós temos que ter esta preocupação esse discernimento pra não deixar o povo também aleatoriamente. Cuidar bem como eu sempre fui bem cuidado. Até falei ontem que dou a minha vida por eles, amo esta obra, amo todos eles, mas minha esposa gosta sempre falar que eu não sou de chamar a atenção. É por isto que a maioria deles gosta de mim e não querem que eu saia de jeito nenhum porque eu sou mais maleável [risos]. Foi gostoso, teve também outras pessoas que vieram nos ajudar. Jades Barcelar, um profissional com quinze anos de experiência na área de cerimônias veio a pedido da irmã Rebeca [esposa do pastor Samuel Câmara]. Foi ele quem nos abriu a visão no que se refere a recepções. Tivemos equipes com interpretes no Aeroporto, Porto, Terminal Rodoviário, Estádio Mangueirão e Centro de Convenções.

PENTECOSTALISMO: GERANDO TENSÕES PARA OBTER RESULTADOS

Quero aproveitar o evento Centenário para trazer dados de campo que mostram como o pentecostalismo, não só provoca mudanças na sociedade como um todo, mas exerce influência inclusive política. Neste recorte de meu campo que durou sete dias com objetivo de etnografar as comemorações dos 100 anos da AD, estava transparente até mesmo a um leigo o envolvimento dos Governos Federal, Estadual e Municipal. Somam-se a estes, o Exército, Marinha e Aeronáutica. Analisemos partes da entrevista com Gustavo que mostra tensões, apoios político, militância da igreja, enfim, trata-se de fatos que suscitam o questionamento: A força deste pentecostalismo vem de especialistas, ou de sua

sociabilidade? Iniciemos a partir de um episódio no Aeroporto Internacional Val de Cans em Belém aeroporto este, em que foram montadas estruturas para receber turistas para o evento:

Foi na quinta-feira [16/06/2011]! Satanás é astucioso e adora querer aprontar. Eu recebi um telefonema do pastor Kleber dizendo que um cidadão da policia Federal tinha expulsado o nosso povo lá de dentro. ‘Que aquilo não era permitido, que era inaceitável coisas religiosas dentro do Aeroporto’ sendo que o nosso Aeroporto é um ponto turístico aonde sempre há recepções quando acontecem os Sírios de Nazaré, quando tem o carnaval. Então, comecei a ligar! Liguei para o deputado Marinho e o assessor dele que disse: ‘vamos mexer, vamos mexer’. O povo de Deus também não é parado não. Nós temos também nossos pontos estratégicos pra acionar’. Acionei o pastor Soft que é assessor do pastor Silas Malafaia. Disse a ele: pastor mexa ai! Vê se o senhor conhece alguém. De repente, veio uma ligação de Brasília, do ministério da justiça, a pedido da Dilma, que voltasse todo mundo. Ai o pessoal aproveitou! As *Belemitas* que são aquelas senhoras que tocam instrumentos, foram receber o povo. Quando eu liguei pra lá disseram: *Gustavo o fogo tá caindo aqui! O povo não quer mais nem sair. Tem mais de uma hora que o povo de São José dos Campos tá aqui falando em línguas eu digo! Eitá.* E eu assim, com tanto trabalho, não tive nem tempo de chegar lá. Fiquei só um pouco triste, porque a gente não teve a oportunidade de chegar. Bem que eu queria ter ido lá.

Outra parte da entrevista com Gustavo fala sobre a segurança. Ele mesmo era um dos responsáveis. Chamo a atenção para o detalhe do envolvimento não somente de pessoas da própria igreja, mas o de policiais militares.

Ontem mesmo [20/06/2011] eu estava quase deitando e o pastor Samuel me ligou dizendo: *Gustavo, eu to indo lá no Cotunduba e preciso de apoio!* É uma área super perigosa. Às vezes tem que acionar até viaturas. Até, quando eu cheguei lá o pastor da área perguntou: *Gustavo! Tu acionaste a polícia? De manhã eu ia ser assaltado. Os caras não me assaltaram, mas assaltaram pessoas que estavam no bar em frente à igreja.* Mas, em todas as cidades tem isto. Não é só Belém que tem este tipo de coisa.

Segundo Gustavo, o governador do Estado do Pará esteve no Centro de Convenções, que foi construído especialmente para o Centenário e teve custo de vinte milhões de reais. A visita aconteceu na terça-feira [14/06/2011] pela manhã, mas o Governador voltou à tarde trazendo com ele alguns Secretários de seu governo. Ele falou com o pastor Samuel: *às vezes tenho R\$20.000.000,00 e não consigo fazer uma obra como esta.* Gustavo disse que os seguranças comentaram que nunca acontece do Governador voltar em um mesmo local.

Para concluir a problemática, mas não as reflexões sobre a força deste pentecostalismo, chamo a atenção para a presença da Esquadilha da Fumaça da Força

Aérea Brasileira e como a representatividade da Assembleia de Deus no cenário nacional pode acionar mecanismos que a coloca em posição de *ser ouvida*. O assunto surgiu após ter falado com Gustavo que estive percebendo a presença do Exército no dia da encenação, a Marinha, no dia do batismo e a Aeronáutica com a Esquadrilha da Fumaça.

Ainda bem que o senhor tocou neste assunto. É tanta coisa que assim. Isto foi também uma coisa pra ficar marcada, porque a Esquadrilha da Fumaça não Vem nesses eventos. Quando o pastor Eurípedes, que é o Capitão Eurípedes da reserva do Exército, meu tio, irmão da mamãe, acertou com o pastor Samuel tudo sobre a presença da Esquadrilha da Fumaça e suas sete aeronaves, quando eles chegaram aqui pra avisar o comando da Aeronáutica, nem eles sabiam. *Como assim?* Perguntou o Brigadeiro: Porque eles não vêm em eventos de igreja. Eles vem mais para eventos de 7 de setembro, apresentações em Brasília, essas coisas. O Brigadeiro disse: *não! Eu não estou sabendo de nada.* Eu disse [Gustavo]: mas está vindo. Eu estou até aqui com o Capitão do meu lado. *Mas como assim! Como vocês conseguiram isto?* Deus né! [risos]. Dilma também, é nossa Presidente! [...]. Nossa expectativa era com a chegada dela, mas acredito que teve um probleminha que ela não veio [é possível pensar que: uma coisa é apoiar determinado segmento religioso e outra coisa é se posicionar abertamente ao lado deste]. O pastor esteve em Brasília, no Senado, na Câmara Federal. Falou ao vivo na TV Câmara. Alguma coisa assim. Na segunda foi no Senado, na terça foi na Câmara Federal e na quarta foi na Câmara Municipal. Aqui eu estava com ele. Foi coisa meio assim de Deus, porque um homem falar no meio deste povo. O senhor sabe que é difícil. A esposa do pastor falou que no dia em que ele estava no Senado, o povo levantou e aplaudiu de pé. O pastor tem palavras sábias.

CONCLUSÃO

O pentecostalismo clássico tem se mostrado uma das religiosidades mais presentes no cenário social brasileiro, influenciando vários segmentos, ao mesmo tempo que impõe condições e reivindica favorecimentos, seja na política, na educação, nos órgãos competentes e mais, com destaque para a igreja Assembleia de Deus. Já a Congregação Cristã no Brasil ao contrário tem procurado manter vivos os altos índices sectários e ascéticos, evitando se deixar levar por correntes contrárias, embora seja possível perceber nas falas do fieis, mesmo dos mais novos, marcas de mudanças. Trata-se de modificações não aceitas passivamente, encontrando nas gerações mais velhas os maiores índices de descontentamento. Acredito ser preciso dedicar atenção à produção de pesquisas que possam compreender melhor a dinâmica destes grupos e ao mesmo tempo possam falar melhor das especificidades de cada um, isto porque trata-se de grupos distintos em sua

essência e ao mesmo tempo tabulados como um movimento único por muitos estudiosos da religião. Se de um dos lados estas denominações tem se mostrado pouco amistosas em receber pesquisadores, por outro não se pode ser tímidos ou mesmo nos sentirmos intimidados com o fato. Desafios são carentes de enfrentamentos. Afinal o pentecostalismo clássico também se modifica. Ele não é o mesmo do passado como também não será o mesmo do futuro. O que temos registrado

Referências Bibliográficas:

- CAMPOS JR, Luis de Castro. *Pentecostalismo e transformações na sociedade brasileira*. São Paulo. Ed. Annablume, 2009.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo, Ed. UNESP, 1998.
- CORRÊA, Mariza. *Repensando a Família Patriarcal Brasileira*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1982
- DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- FERNANDES, S.R.A.; PITTA, M. *Mapeando as rotas do transito religioso no Brasil. Religião & Sociedade*, Vol. 26 nº 2 Rio de Janeiro. ISER, 2006
- FERNANDES, Rubem César. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- MAFRA, Clara (Org) *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro. Ed. ISER 2006
- MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1999 .
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 1981.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar, 1994.

¹ Bacharel em Teologia pelo Seminário Unido - CES/JF e aluno de mestrado do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – UFPR.

² Depoimento de um dos batizados neste dia, José Cunha, que também foi o primeiro músico da igreja em Curitiba.

³ Qualquer relação sexual antes do casamento é vista genericamente no meio evangélico como prostituição, não precisando ser necessariamente com alguém que utiliza o corpo como fonte de renda, ou seja o simples relacionamento íntimo entre casais de namorados, noivos ou viúvos é considerado prostituição.

⁴ Distante de todos os bens religiosos oferecido pela igreja e de todas as atividades do culto.

⁵ Semelhante eucaristia, mas serve-se pão e suco de uva integral e sem álcool. A cerimônia é realizada anualmente e somente para os membros.

⁶ Expor publicamente no culto, algum acontecimento que possa ser traduzido em termos transcendentais.

⁷ Ficar fora de atividade.

⁸ proselitismo

⁹ Gunnar Vingren, fundador da AD no Brasil, juntamente com Daniel Berg.

¹⁰ Esta no poder de Deus é o mesmo que estar cheio do poder de Deus, que por sua vez é o mesmo que glossolalia.